B 200

VOZ das CINCO VILAS (AVENÇA)
Redacção e Administração — CHÃO DE COUCE
ANO II — N.º 14 — FEVEREIRO DE 1968
— PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO —

RUMO AO MATRIMÓNIO

REFLEXÕES POR DR. A. FREIRE

O matrimónio cristão, elevado à dignidade de sacramento, é a prova mais inequívoca da santidade com que Deus consagrou o amor humano.

Sacramento quer dizer um rito sensível, instituído por Deus, que confere a graça santificante e as graças especiais necessárias ao desempenho das novas obrigações assumidas.

Que missão tão bela: dar cidadãos à pátria, dar membros à sociedade, dar sacerdotes à Igreja, dar filhos a Deus!

S. Paulo chama ao matrimónio «um sacramento grande»: grande, porque simboliza a união de Cristo com a Igreja, a qual se faz pela graça; grande, porque o marido deve amar sua esposa com amor sobrenatural, como Cristo amou a sua Igreja; grande, porque o marido deve dedicar-se por sua esposa, como Cristo se dedicou pela sua Igreja até dar a sua vida por ela; grande, porque pelo matrimónio se fundem dois corpos numa só carne; grande pela união íntima das almas.

Diz Monsabré: «O matrimónio é sobretudo o encontro, através do tempo, de duas almas que se buscavam e que, tendo-se encontrado, se fundem numa só para se aperfeiçoarem mùtuamente; é a compenetração de duas vontades, que se fortificam na união».

À luz da fé, tudo se sobrenaturaliza e espiritualiza na união dos esposos. A solenidade que lhe outorga a Igreja católica simboliza bem a transcendência do momento que se pereniza diante do altar: a Igreja benze os anéis que os esposos vão trazer nos seus dedos, símbolo do laço que os unirá para sempre na vida e na morte.

Jesus preside a este acto, como outrora em Caná; é o consagrante, o protector, o modelo. Só é muito de lastimar que de algumas igrejas tenha de retirar-se, pela remoção das Sagradas Espécies, por causa da imodéstia com que se apresentam, por vezes, nos templos certas nubentes e, sobretudo, certas senhoras, membros da comitiva nupcial!

Sobre as duas mãos que se unem indissolùvelmente, Jesus, o Esposo místico da Igreja, apoia a sua mão divina, para apertar o laço e vincular os gozos dos tempos às esperanças divinas da eternidade.

Visto que os fracassos matrimoniais não podem provir da natureza intrínseca do matrimónio, onde procurar-lhes a origem?

Principalmente no desacerto da escolha. Muitas vezes o móvel da eleição é a miragem grosseira de um património rico. Dizia Falconi: «O matrimónio não passa de um património». Rolam os anos, desanda a roda da fortuna e os esposos, desavindos, pedem o divórcio!

Já o velho Horácio prevenia: «a esposa rica manda no marido»! E o cómico Plauto advertiu com sizo: «seja a esposa virtuosa e de costumes irrepreensíveis, e terá dote bastante».

Oxalá todos os maridos pudessem gloriar-se, como se orgulhava aquele legionário romano, Espúrio Lingustino: «A minha esposa trouxe-me por dote a sua liberdade e o seu pudor».

(Continua na 2.ª pág.)

Indústria de Lanifícios
— Crise que se arrasta

Com a devida vénia transcrevemos, por nos parecer de interesse para a nossa região, o seguinte artigo inserto no jornal «Juventude Operária»:

No número passado referimo-nos a uma certa anomalia que se verificava e continua infelizmente a verificar-se na indústria de lanifícios da região da Covilhã.

Se bem que não tenha sido nada fácil colher elementos sobre a situação de crise, o que aliás já prevíamos, podemos no entanto adiantar algo mais, embora não tanto como seria nossa desejo.

Na Covilhã tentámos colher impressões de alguns industriais que se recusaram a aceder ao nosso pedido, invocando motivos que não sabemos até que ponto poderão considerar-se razoáveis.

Parece existir entre eles — esta a impressão que nos ficou — como que um receio de verem tornar-se conhecida do domínio público a situação das suas empresas o que poderia por um lado comprometer o crédito bancário e por outro trazer complicações com os operários ao seu serviço.

Dos contactos que conseguimos estabelecer apurámos que, mercê da crise que parece acentuar-se, duas fábricas fecharam já as suas portas, tendo a maioria dos operários despedidos conseguido trabalho noutras empresas, sobretudo nas que conseguem ou parecem conseguir equilibrar-se.

A que nos informaram alguns ainda não trabalham mas estão a receber cerca de 60 % do ordenado através da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios.

Nos dois últimas meses houve fábricas a funcionar apenas du-

(Continua na 2.ª pág.)

O nosso aniversário

Alguns amigos e alguns jornais se referiram ao aniversário de «Voz das Cinco Vilas», alguns com palavras de amizade e consideração imerecida.

Citamos e agradecemos as referências amigas de a «Voz do Concelho» e do diário «Novidades» e ao ofício do sr. Director da Biblioteca da Figueira da Foz, Prof. A. Vítor Guerra.

Os Bombeiros de Ansião agradecidos...

Nem sempre, infelizmente, há a justa compreensão da meritória actividade dos bombeiros voluntários que se empenham em servir e ajudar os outros sem qualquer objectivo que não seja a satisfação de um dever humanitário. Por isso mesmo, aos valorosos Soldados da Paz calam profundamente todas as manifestações que signifiquem apreço pela sua acção. É o que se conclui da carta que a seguir transcrevemos e nos foi enviada pelo sr. Júlio da Silva Rodrigues, presidente da direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ansião:

«Tendo sido solicitada a presença dos Bombeiros Voluntários de Ansião para o fogo que deflagrou no passado dia 24, na vila de Avelar, pretende esta Associação exaltar o cativante gesto da sr.ª D. Bernardina Dias Brás Medeiros que, realçando a prontidão com que compareceram no local, chamou a sua casa o comandante Artur Paz, a quem comovidamente felicitou, dizendo: «Os meus parabéns pela prontidão; aqui tem para, com os seus homens, tomar um café».

«São gestos como este que estimulam os bravos e intrépidos Sodados da Paz que tão boa conta têm dado da sua actividade em toda a região, como é unânimemente reconhecido. Os nossos agradecimentos à bondosa senhora».

Esta local transcrevemo-la com o maior aprazimento do «Diário Popular».

Também nós sublinhamos com aplauso o gesto simpático.

E já que falamos nos Bombeiros de Ansião, permitimo-nos afirmar que aquela corporação humanitária deverá merecer o maior carinho e amparo de todo o con-

(Continua na pág. 4)

Banco Português do Atlântico

Do Banco Português do Atlântico que serve a nossa região através da sua agência de Castanheira de Pêra, de que é gerente muito considerado o sr. José da Silva Rezende, recebemos o Relatório, Balanço e Contas do ano 1967.

Trata-se dum importante documento pelo qual se confirma a solidês e constante progresso que está a caracterizar a notável organização que é o Banco Português do Atlântico.

«EU CREIO»

por P. MANUEL GASPAR FURTADO

Lavedam, quando conheceu a Mensagem de Cristo, sentiu que alguma coisa de estranho e de profundo se passava no seu íntimo, e escreveu: «Senhor, eu creio».

A fé é a resposta do homem a Deus. É o «Sim» que permite ao pensamento divino entrar no nosso.

É a adesão do nosso espírito a uma verdade que se justifica por uma força estranha e vital de persuação, que torna o acto de fé extremamente pessoal e satisfatório, porque se funda no crédito que damos a Deus vivo.

É um acto, ao mesmo tempo de convicção e de confiança, que afecta a personalidade do crente, e compromete a sua forma de viver.

É o passo com que se cruza o umbral do Reino de Deus, e se entra no caminho do destino eterno.

«Eu creio» — confissão humilde de alguém que livremente acei-

(Continua na pág. 6)

ARCO-IRIS

• **REACENDE-SE A GUERRA...**

Com intensidade diabólica reacendeu-se a luta no Vietname.

Os jornais falam de muitos milhares de mortos. Em seis dias de ofensiva do Vietcong houve cerca de 18.000 mortos e 2.000 feridos. Saigão — a antiga Paris do Ocidente — está a tornar-se num montão de escombros...

Lágrimas e luta é o que continua ae semear a guerra...

• **O PAPA VAI AO BRASIL?**

Paulo VI visitará o Brasil, aproveitando a viagem à América Latina, para assistir ao Congresso Eucarístico de Bogotá — afirmou o bispo de Rio Negro, D. João Marches, ao chegar a esta cidade, de regresso de Roma.

Aquele prelado é chefe das missões salesianas do Rio Negro, no Norte do Brasil, onde oferece assistência a cerca de 1.600 crianças, na sua maioria filhos dos índios da região.

• **EMIGRAÇÃO PARA A ÁFRICA DO SUL**

JOANESBURGO — Os emigrantes portugueses — assim como de outras nacionalidades — que tenham deixado a África do Sul depois de

(Continua na 2.ª pág.)

ONDE ESTÁ JESUS?
O Jorge Paulo responde...

Tal e qual! Na praia o Jorge Paulo foi surpreendido neste instantâneo quando o paisinho perguntava: onde está Jesus?

É de pequenino que educa... esta é a lição, esta poderia ser a legenda desta imagem cheia de beleza!

Director, Proprietário e Editor: ADRIANO SIMÕES SANTO • **Administradores:** SERAFIM AFONSO e ARMÉNIO MARQUES FERREIRA • **Redactores:** CARLOS MANUEL MENEZES FALCÃO, ADRIANO MARQUES e ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO ROCHA • *Composto e impresso na «GRÁFICA DE COIMBRA» — Telef. 22857*

20 ABR. 1968
DEP. LEG

AVELAR

Trágico acidente de viação

No passado dia 29 de Janeiro no lugar da Ponte Freixo, já próximo do Pontão, foi colhido mortalmente por um automóvel o nosso amigo Osvaldo Lopes, comerciante, da Tojeira; transportado com urgência a uma Clínica de Coimbra, aí ficou em estado de como até que veio a falecer no dia 31. Contava 59 anos e gozava da consideração de todos. O seu funeral que se realizou para o cemitério desta Vila foi muito concorrido bem como a Missa de 7.º dia; era casado com Joaquina Medeiros a quem apresentamos as nossas condolências bem como à restante família e sua filha e genro ausentes em África; paz à sua alma.

— Também faleceu na Quinta da Venda em casa de seu genro Américo Carvalho, Josefina de Jesus, de 87 anos, viúva de José Godinho; à sua família os nossos sentimentos de pesar.

Novos Cristãos

Receberam o sacramento do Baptismo na nossa igreja da Senhora da Guia:

Eduardo da Silva Moura, filho de Ilídio Brito Moura e de Maria Fernanda Rosa da Silva, da Várzea; foram padrinhos Alberto Filipe Figueiredo e Maria Elvira da Silva Nunes.

— Isabel Maria Marques Gonçalves, filha de Emídio José Gonçalves e de Maria Lucinda Marques, do Castelo; foram padrinhos Virgílio Marques e Maria Amélia dos Santos Oliveira Saraiva; a ambos desejamos muitas felicidades.

Junta de Freguesia

No passado dia 4 tomaram posse dos seus cargos os novos elementos da Junta de Freguesia eleitos em Outubro último, cuja lista apresentamos:

Joaquim Carvalho Moreira de Sousa, José Godinho Mendes Lopes, Daniel Pais, Armando Simões da Silva, Armando Marques e Luís Fernandes.

Os nossos cumprimentos com votos de que saibam representar e defender convenientemente os superiores interesses da freguesia.

Movimento da Paróquia em 1967

Baptismos, 50; casamentos, 17; óbitos 20.

Contas da Igreja

Receita 46909$60, despesa 36509$50; saldo para 1968 10400$10.

INDÚSTRIA DE LANIFÍCIOS

— Crise que se arrasta

(Continuado da 1.ª pág.)

rante quatro dias por semana. Presentemente já se trabalhava seis dias mas sem garantia de continuidade, isto porque o trabalho é de natureza acidental, provocado por excesso de serviço nalgumas fábricas, as quais pedem às que têm menos para lhes tecerem um certo número de peças.

Estas, ao aceitarem tal execução fazem-no não porque isso lhes traga a solução do problema, cremos, mas simplesmente porque vêem nisso a posibilidade, ao que nos dizem, de beneficiar os seus operários, permitindo-lhes deste modo ganhar o salário de seis dias semanais.

Porquê um excesso de trabalho numas fábricas e noutras uma escassez angustiante?

Será um excesso aparente consequncia de algumas empresas estarem obrigadas a prazos de entrega antes fixados pelo armazenista ao fabricante? Não nos custa admitir que sim, sabido como é que esta anormalidade se verifica apenas duas vezes por ano: na altura da execução de encomendas relativas à estação de Verão e à estação de Inverno.

Existem entre a execução das encomendas para o Verão e para o Inverno dois períodos mortos, aproveitados pelas fábricas para fazer o seu mostruário e para executar repetições de encomendas mas esse trabalho não dá para uma laboração plena. Há nestes períodos muitos operários que não produzem por falta de serviço.

Mas, para além de tudo o que disemos, que foi muito pouco, o que se passa à volta de tudo isto? A que será devida a crise?

Verifica-se a ausnêcia de milhares de portugueses que se encontram no estrangeiro ou a combater em África?

Não nos custa também admitir que na base do problema esteja igualmente uma falta de atenção ao mercado externo, uma falta de apoio financeiro, uma falta de competência técnica ou administrativa nas empresas, uma falta de participação dos trabalhadores na vida da empresa, um reflexo de falências de armazenistas.

Mas tudo isto são hipóteses que temos estado a levantar e nada mais.

Saímos da Covilhã absolutamente convencidos de que várias fábricas se encontram em sérias dificuldades embora não tenhamos ainda reduzido o período de trabalho. Mas se alguma coisa de grave se passa — e parece que sim — e se uma das grandes consequências pode ser a falta de trabalho para uma população que não sabe fazer outra coisa que não seja o relativo à indústria de lanifícios, urge que se deite um olhar penetrante para este assunto a fim de evitar que mais tarde se tenha que remediar o que se podia ter evitado.

ARCO-IRIS

(Continuado da 1.ª pág.)

aqui terem vivido e que desejem voltar terão direito a todos os benefícios dados pelo Ministério da Imigração da África do Sul, através do seu plano de imigração oficial — foi esclarecido pelo titular daquele Ministério.

Tais benefícios — na sua parte financeiros — não são, no entanto, aplicáveis aos indivíduos que, tendo abandonado a República da África do Sul depois de Dezembro de 1961, não fizeram os seus pedidos até ao dia 1 de Outubro de 1967.

• **GRIPE NOS ESTADOS UNIDOS**

ATLANTA *(Geórgia)* — A epidemia de gripe e de pneumonia que assola actualmente os Estados Unidos causou 1.177 mortos em 122 cidades americanas durante a semana que terminou em 20 de Janeiro. Esta epidemia parece aumentar, porque o número de mortos provocado por estas doenças foi na semana anterior de 1.054.

• **A IGREJA PERSEGUIDA NA CHECOSLOVÁQUIA**

GENEBRA — O aumento da prática religiosa na Checoslováquia está a alarmar o Partido Comunista — revelou o Conselho Municipal das Igrejas, no seu serviço de Imprensa ecuménico.

Durante o ano passado verificou-se na Checoslováquia um grande aumento de baptismos, de casamentos e de funerais religiosos e no número de crianças que recebem instrução religiosa.

«O número de pessoas que tomaram parte em cerimónias religiosas também aumentou» — acrescenta o Conselho.

A 7 de Agosto deste ano, a Comissão Central do Partido Comunista pediu a todos os órgãos do Partido que tomassem «medidas» contra o crescente interesse pela religião que se nota na Checoslováquia.

• **CARNE DE URSO NUM RESTAURANTE**

BERLIM — Um urso de 100 quilos, cujas habilidades deixaram de ser apreciadas no circo, figura no «menu» dum restaurante de Dresde.

O chefe, empregando as receitas mais requintadas, preparou 400 doses de assado, costeletas, «Goulash» e a famosa especialidade chinesa: patas de urso.

AGUDA

AGUDA DO PASSADO

Avellaal e Almofala (1221)

Hujos foralis authenticum opographum saeculi XIV descriptum, in linguaque vernaculum translatum, extat in publico archivo. Non Aliud ibi manet exemplar.

En nome de Ihesu Chisto e da sa misericordia. Eu Dom Martin Annes faço carta de foro a todollos pobovadpres asi aos presentes como he aos que heen diviir daquella nha erdade de Avellaal e da Almofala com estes foros seguintes:

Aquele que dentro em estecouto lauvar dê a mi a ouitava parte de pam e de vinho. E de vinho ataa tres aunos nom faça foro.

E de tres annos a suso dê a ouitava parte de vinho e ponha tres vezes o pee fielmente, e nom chus: pero partindo com o moordomo semelhavilmente das leguinhas a ouitava parte salvo favas e ervilhas. E o que loy moral dê dous alqueires de trigo por fogafa em na eira; por festa de Sam Miguel dê huum cujou.

E todollos de hy moradores seiom defesos e emparados de todallas cousas mais: Rellego alcaidaria e cooinhas seion por meio foro de Penela;

Nozes non seion recebidas se non forem dadas com rogo. Se alguns se se quizerem hir vendon seus casaaes a taaes pesoas que façon a mim foro:

Inis e moordomo nom façam foro: E su moordomo por malquerença ou revelia non quizer ir aas eiras ou aos logares digo muo a a el per tres vezes.

E se hir non quizer traga o laurador e seu pam. E o vinho do mordomo seia vencido se o receber non quizer: Homens obernoso ou uolteiro e non se quiser coreger nem emmendar como he seus visinhos mandarão venderlhe o aner e a sa erdade a saiase da Vila. Este foro seia rendo a esta cooimha seia em vista de homens boons. E aqueta firmidoen faça en perdoravil em seu foste estado seia senpre e pormeto e outorgo que verdadeairamente e foro nen feito quizer quebranter seia maldito de Deus Padre poderoso escomungado e senpre maldito permeesca atâ satisfaça.

Feita a carta no mez de Novembro.

Éra de mil e duzentos e cincoenta e nove annos..

Eu sobredito que esta carta mandey fazer com mhas mâaos perante homens boons e renovey.

Hos homeens boons forom Pedro Estevon a notou, Fernan Pers de Podentes testemunhas, Priol Dagrei a vio e Fernan Visinho, Estevon Sueiro Pers testemunha, Gotere Meendez testemunha.

(Portugalia Monumenta Historica) — Pg. 589.

A seguir: *«O Infantado»*.

V. N. de Poiares.

M. LEAL JÚNIOR

★

Várias Notícias

É de notar o interesse com que o povo colabora nas campanhas pela saúde pública. Ainda agora o demonstrou, acorrendo à vacinação contra a paralisia infantil.

— Encontra-se em construção a capela do cemitério. É digno de louvor o asseio e o cuidado com que é tratado o mesmo cemitério.

— Vão funcionando com certa regularidade e algum aproveitamento os núcleos de catequese da nossa paróquia.

Novos Lares

Formaram o seu lar cristão:

— Silvino Martins Soares e Benilde Mata dos Santos.

— Domingos Dias Luís e Júlia Alexandre Rodigues.

— João Augusto Simões e Maria de Jesus Simões.

— Diamantino de Piedade Silva e Maria Donatilde da Conceição Silveira.

As nossas felicitações.

Novos Crisãos

Maria Otília da Conceição — Azeitão.

— Maria Luísa Simões Luís — Almofala de Baixo.

— Ulisses Jesus de Oliveira — Chimpeles.

— Cristina Maria da Conceição Rocha — Almofala.

Que sejam bons filhos de Deus.

RUMO AO MATRIMÓNIO

(Continuado da 1.ª pág.)

É que, como escreveu Balzac, «são as qualidades e não a beleza duma mulher que fazem os matrimónios felizes. A mulher que ama sabe tornar-se bela».

E aqui assenta outro pilar que infelizmente, se encontra demolido na base de tantos enlaces: o justo avaliamento das qualidades físicas, desgraçadamente tão desvirtuadas na constituição dos lares.

As respostas dos estudantes de liceus e de universidades indianas a um questionário sobre a rapariga que pretendiam para esposa, resumiam-se nisto: «belas feições, linhas impecáveis e lindos vestidos»; e das raparigas para o noivo ideal: «boa altura, olhos escuros, cabelo ondeado e um automóvel».

Toda a importância era dada às exterioridades; as qualidades espirituais e intelectuais não contavam.

MAÇÃS DE D. MARIA

Cursos-Retiros

No Salão Paroquial desta vila realizaram-se dois cursos-retiros — um para rapazes e outro para raparigas.

Foram dirigidos respectivamente pelos srs. P.e José Rodrigues de Paiva e P.e António de Sousa.

Participaram bastantes dezenas de jovens que viveram estes dias no melhor espírito.

Doente

Tem estado internado na Casa de Saúde de Alvaiázere o sr. João Medeiros dos Santos a quem desejamos rápido restabelecimento.

JUVENTUDE

SECÇÃO DA GENTE MOÇA

O MUNDO EM POUCAS LINHAS

Nuvens escuras se acastelam no horizonte carregado da cena política internacional!

Os imperialismos Americano, Soviético e Chinês estribados num poderio atómico que aterroriza, continuam de pedra e cal no galarim a que se guindaram. Como frutos sazonados da sua opressão os Estados Unidos da América encontram-se a braços com as violentas lutas racistas que têm semeado a devastação e a morte entre uma população que se entreolha confusa e inculta, de formação unilateral. E não terão razão os negros em reclamar os mesmos direitos que assistem aos brancos, aferrados ao preconceito que faz da cor da pele um argumento de separação?

O Vietname — esse martirizado Vietname — continua envolvido numa luta fratricida que lhe é imposta de fora, por potências estrangeiras, apostadas em dirimirem uma supremacia que reclamam para si. E o sangue dos mártires jorra em catadupas no altar «sagrado» de dois colossos que permanecem indiferentes ante a imolação de vítimas indefesas. Se é uma questão de prestígio que está em jogo... Até quando?

O Médio Oriente, cenário de civilizações florescentes em milénios de História, foi palco, igualmente, de uma luta sem tréguas que parece eternizar-se na guerra fria que observamos à distância, no dia a dia que passa. A guerra dos seis dias que atraíu os olhares estupefactos do mundo inteiro não terá sido mais alguma coisa do que a luta pela sobrevivência dos Judeus ante o poderio pan-arábico que parecia querer esmagar o seu minúsculo vizinho, mas cuja raça lhe legou uma História que o estimula e arrasta? A este respeito suponho não subsistirem dúvidas. E que dizer dos mísseis soviéticos apreendidos pelos israelitas, após a fuga do seu destroçado inimigo, bem como dos técnicos russos que comandavam dos seus esconderijos a desordenada ofensiva árabe?

O continente africano remexe em convulsões violentas. As novas nações que o integram, deixadas entregues ao seu destino por um colonialismo explorador e desumano estão agora a sofrer as consequências de uma independência prematura e, pior que isso, vêem-se joguetes nas mãos de chefes revolucionários, apoiados pela ditadura marxista que lhes faculta armas e munições a troco de uma submissão incondicional.

Para lá da «cortina de Bambu» o ideal comunista retina, numa luta de partidos que se degladiam ferozmente em busca de um lugar no poder. A China, esse colosso asiático, que desperta agora, do seu sono de gigante, toma aspectos de «grande senhor» decidido a deitar por terra os obstáculos que lhe tolherem o passo.

A disparidade na posse dos bens acentua-se escandalosamente, numa desproporção que assume foros de tragédia. As estatísticas têm uma linguagem eloquente: 10% da população mundial dispõe de 81% do rendimento global. Deste só os E.U.A. auferem de 43%!

Das tribunas dos grandes areópagos internacionais lançam-se gritos de alarme pela segurança dos novos, realizam-se conferências de alto nível, mas de baixos resultados. Reina a descrença numa paz duradoira que garanta uma existência pacífica. A miséria alastra nos países subdesenvolvidos que vendem o seu amor pátrio a potências sem escrúpulos a soldo de numerários fabulosos que matem a fome aos seus cidadãos depauperados.

No plano religioso, aí sim, o ambiente que se respira é mais sádio. Rasgada a «cortina de veludo» que envolvia o Vaticano, a Igreja apresenta-se, enfim, ao homens tal qual ela deve ser: serva e pobre. A «inesperada primavera» — na expressão feliz de João XXIII — surgida com o advento do concílio começa agora a florescer, prometendo um futuro que granjeará a simpatia dos homens e o fervor dos cristãos.

A. M. D. N.

Namoros da Moda

Nos tempos que vão correndo
Comparados com outrora
Francamente não entendo
Não acerto, não compreendo
Como agora se namora.

Dantes para se aspirar
A um futuro marido
Um rapaz tinha d'andar
Muitas tardes a rapar
Antes de ser atendido.

Nada de facilidades
Para o pobre namorado.
E ao bater das Trindades
Houvesse ou não amizades
'stava o namoro acabado.

E agora, é bem de ver,
De dia vão-se falando...
Mas o namoro a valer
Começa ao anoitecer
E acaba sei lá quando.

É por isso que agora
— Ai Jesus, o que aí vai!...
Ilusões a toda a hora
E por esse mundo fora
Muitas crianças sem pai.

A. NOBRE

A propósito de...

NAMORO

Por CARLOS MANUEL MENEZES FALCÃO

(Continuação do n.º anterior)

Falámos na escolha. Vamos agora focar outro aspecto do namoro pròpriamente dito, do namoro consciente e sério, que prepara um sólido matrimónio.

E partamos daqui: «Só se ama o que se conhece. O homem casa para ser feliz. E é feliz quando comunga com a consorte de alma e coração, quando espiritualmente se sintoniza com ela. Essa comunhão sente-se através de um profundo conhecimento de si próprio e do outro. Por isso, para que exista uma sólida comunhão de sentimentos e vontades, necessário é que o namoro seja uma fase de sondagem, observação e estudo mútuo. E durante o namoro que se prepara uma vida matrimonial feliz ou infeliz. Se não se procurar neste, uma busca ou um conhecimento consciente e completo de ambos, mais tarde as surpresas serão grandes. Será então que toda a natureza, boa ou má, se revela completamente. Procuremos conhecer-nos para nos podermos comprender. Assim, mais tarde não haverá desilusões, não haverá novas facetas a encarar. Deve pois, procurar o namorado, fazer uma observação atenta e cuidadosa do outro, e dizemos atenta e cuidadosa, porque é natural que todo o namorado, pelo desejo inato de agradar, sem que isso denote insinceridade, inconscientemente, se mascare: revele virtudes que, pelo menos sòlidamente não possui. Não basta no entanto só o conhecimento mútuo, é igualmente necessário o conhecimento e vontade próprios.

Como se sabe, a psicologia masculina e feminina são diferentes. As vocações são igualmente diferentes: o homem foi feito para mandar, governar, dirigir quer a sociedade doméstica, quer a civil; a mulher criada e dotada para ser mãe,,, para se consagrar aos filhos e ao marido. O homem deverá encarar a mulher como ela é na verdade, devendo aquela igualmente compreender a psicologia deste. Concluiremos assim, que o fim principal do namoro consciente, será um conhecimento concreto e real de parte a parte, para que no casamento possa haver uma aceitação total, completa e esclarecida.

Só se ama o que se conhece, e igualmente, só se compreende

(Continua na pág. 4)

QUEM SOU EU?

MEDITAÇÃO sobre

«Já não sou eu que vivo:
É Cristo que vive em mim!»

(Gal. 2, 20)

Quem sou eu?
Serei uma gota de água,
perdida nos rios
nos mares
na imensidade do aceano?...

Quem sou eu?
Porventura uma areia,
entre as inumeráveis areias das estradas
das praias
dos desertos insondáveis?

Quem sou eu?
Acaso um ser isolado,
como qualquer outro ser
de que estão cheios o mar
todo o ar
a terra inteira?...

Quem sou eu?
Ah! Nada disso eu sou.
Nem gota de água
nem grão de areia
nem ser isolado.

Eu só
nada sou
nada
nada.

*
* *

nada
TUDO!

Nada somado a nada,
dá nada.

Nada somado a TUDO,
dá TUDO.

Quem sou eu, afinal?
Eu só:
sou nada.
Eu completo:
sou TUDO

Porque
JÁ NÃO SOU EU QUE VIVO:
É CRISTO QUE VIVE EM MIM!

Salamanca, 1962.

ACÍLIO DIAS MENDES

SINAL

Meu sinal MAIS da álgebra da vida,
Minha asa de luz num céu cinzento,
Minha insatisfação, doce tormento
De chegar, mesmo antes da partida.
Minha nuvem de sonho: ergue-te ao alto,
Enche a estrada dos astros com o meu nome!
Tenho fome de espaço! O amor é fome!
E eu amo o espaço ao longo do meu salto!

Oh! meu eco sem grito
Dor que fluis em prazer!
Contigo, voz que soas no infinito
E vibras
Nas mil fibras
Do meu ser
Contigo, sinal +, vou renascer,
Sontigo, hei-de vencer-me e hei-de vencer!
E ultrapassando-me a mim próprio na corrida,
Insatisfeito, insatisfeito, insatisfeito,
Hei-de alcançar um dia o cimo da subida.
E inundar de distância a arca do meu peito!

MIGUEL TRIGUEIROS

VOZ das CINCO VILAS
ORGÃO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL
Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE
Telefone 191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente	20$00
Ultramar Português e Estrangeiro	30$00
Por avião	60$00

(Pagamento Adiantado)

CONTAS

Um jornal é um empreendimento arriscado. Os encargos materiais são enormes e só a muita dedicação dos assinantes e de quem o dirige poderá equilibrar o barco...

Eis o resumo das nossas contas no ano transacto:

Tipografia — impressão do jornal, gravuras e impressos	25.327$00
— Correios	6.064$20
	31.391$20
Receita de assinaturas e anúncios	32.073$40
Saldo que transitou para 1968	682$20

Eis, aqui muito em família, as contas de «Voz das Cinco Vilas».

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Assinantes Benfeitores

Com 172$50 — Arlindo Fernandes e Acácio Mendes, da Africa do Sul.

Com 100$00 — Mário Inácio de Mousa — Brasil; Fernando Simões Vaz — África do Sul; José dos Santos — Lobito; Mário Mendes, Africa do Sul; Francisco José da Silva — Lisboa; Mário Pires — Tete; Alberto Ventura — Rodésia.

Com 70$00 — Arménio Fernandes Lopes — Brasil.

Outros Assinantes

Ana de Jesus, Lagoa; Arménio Fernandes Lopes, Santos (Brasil); Alberto Mendes da Silva (Africa do Sul); Raúl da Conceição Dias, Lobito; Emídio Lopes Godinho de Matos, Lourenço Marques; Dr. Jorge Condorcet Pais Mamede, Avelar; Ermelinda Ferreira Gomes, Avelar; João Augusto Saraiva Isento, Avelar; Serafim Afonso, Chão de Couce; Américo Simões, Arega; António Caetano Neves, Chimpeles; Manuel Lopes, Salgueiro da Ribeira; Abílio Alves dos Santos, Alemanha; Alberto Marques Fernandes, Rodésia; Álvaro dos Santos Mendes, Salisbúria; Carlos Marques Fernandes, Serrada da Mata; V.ª de Adriano Marques, Chão de Couce; Alberto L. Godinho de Matos, L. Marques; P. António Lopes de Melo, Pousaflores; Artur da Silva Matias, Lisboa; Abílio Freire Correia, Tojeira; Carlos Antunes, Ansião; Rogério Simões Marques, Avelar; Manuel Pedro, Africa do Sul; Elídio Neves Luís, S.P.M.; Manuel Luís das Neves, Pessegueiro; Eugino Simões, Charneca; Jorge Mendes dos Santos, Luanda; Joaquim Lopes dos Santos, Tojeira; António A. Lopes Ramos, Furadouro; Manuel dos Santos, Carcavelos; Artur Godinho Pedro, França; Ângelo Medeiros, P. do Freixo; Joaquim Pinhão, Amieira; Cónego Joaquim Alexandre, F. Foz; Francisco José da Silva, Lisboa; D. Elvira Rego Barata, Avelar; Faustino Borges do Rego e Rogério A. dos Santos, Casal Pedro; Manuel Lourenço, Pombais; Joaquim Marques, Venezuela; Albertino Curado, Valadinha; Augusto Simões Vaz, Pombais; José Simões Vaz, Lisboa; Joaquim dos Remédios Novo, Pontão; Américo Alves Fernandes, Pontão; Manuel Ferreira, Tojeira; José Mendes Santo, P. Freiro; António da Conceição Rocha, Zâmbia; Almerindo da Conceição Rocha, Zâmbia; Joaquim Henriques Serrano, Lisboa; Abílio da Silva, Mata de São Jorge; Abílio da Luz Marques, Casal de Baixo; Américo Gaspar Fernandes, Venezuela; José Mendes, Rodésia; Joaquim Mendes, Lameiras; Serafim J. Sousa, Q. de Baixo; Mário Simões Vaz, P. do Ouro; Joaquim A. Costa Soares, Linda-a-Velha; Alfredo Nascimento Costa, Nova Lisboa; José Marques, Amieira; Abílio Mendes Matias, Pereiro de Cima; José da Silva, S. Mouro; João Neves António, Lisboa; José Dias da Silva, Lisboa; João Silva Ventura, Amieira; Adriano Faustino, Barroca; Maria Augusta Lima, Carcavelos; Abílio Caetano Lima, S. Mouro; Fernando Augusto Soares, Amieira; António Simões, Luanda; António Marques do Rego, Almofala; António Pires, Mata de S. Jorge; Emília Fernandes, Amieira; António Lopes Luciano, Amieira; Acácio Lopes Neno, Venezuela; Francisco Freire, Vila Pouca; José Fernandes, Q. de Baixo; Alberto Lucas Afonso, Pousaflores; Marcolino dos Santos, França; José Nunes, Leiria; Alberto Gaspar, Santos — Brasil; Francisco F. Fineza, Chão de Couce; José Fernandes, M. Redonda; D. Florina Faria, C. Couce; Francisco Simões, Trás da Vinha; Francisco T. M. Afonso, Pereiro; João Fernandes, Portela; José Bernardo, Brasil; Manuel Simões Peres, Repoula; António da Cruz Matos Coelho, Avelar; Armindo da Conceição, L. da Casa; Silvino Santos Saraiva, Avelar; Mário Rodrigues Rosa, Avelar; Alberto L. Godinho Matos, L. Marques; Mário Ferreira Alves, P. S. Simão; Manuel Lopes da Rocha, R. de Alge; Fernando Gaspar Medeiros, Angola; Emídio da Silva, Amieira; Acílio da Ascensão Silva, Sintra; Ernesto Fernandes, Lisboinha; Manuel Medeiros, Relvas; Joaquim M. Ferreira, Amieira; Francisco Baptista, T. Grandes; D. Maria do Carmo Vale, Coimbra; Alfredo dos Santos, Chão de Couce; Joaquim M. Ferreira, S. Mouro; Joaquim Afonso, Beira; Joaquim dos Santos Silva, Angola; Humberto Furtado Ribeiro, Luanda; António Rodrigues ,Maçãs de D. Maria; D. Maria José das Neves, Beira; Arlindo Lopes Braz, S. P. M.; D. Maria Ermelinda Fonseca, Aguda; Viriato Ferreira Patrício, Aguda; Adelino Pedro, P. Freixo; Emídio E. Lopes, João Belo; Francisco Medeiros, Vila Pouca; Martinho Correia, Espinheira; Ângelo Lopes, C. Baixo; Fernando Simões, Rodésia; Manuel Ferreira, Montinhos; Adelino Fernandes, Relvas; Maria Joaquina, Mata de S. Jorge; José Veríssimo, Espinheira; Américo Dias dos Santos, Pontão; Maria da Conceição, C. Baixo; Ilídio Rodrigues, Carcavelos; José Freitas Rosa, Cabecinho; Francisco Freire Lopes, Cômoros; Augusto Ferreira, Vila Pouca; Jorge Freire, C. Couce; José Mendes, Santos — Brasil; Abílio Mendes, Mata de S. Jorge; Raúl Gaspar, Moutas; António Marques Ferreira, Vila Pouca; Fernando Estêvão da Silva, Lourenço Marques; Alberto Jorge, Pombais.

A propósito de... NAMORO

(Continuado da 3.ª página)

aquilo de que se tem uma ideia já formada. É necessário portanto além do mais, haver sinceridade mútua. Descobrir a capa com que queremos ou gostamos que os outros nos vejam e mostrar-nos tal qual somos. Eis o primeiro passo para o conhecimento, para o amor verdadeiro.

★

Poderíamos definir muito simplesmente o amor conjugal assim: «Uma união de almas, corações e corpos — uma doação espiritual (da alma); afectiva (do coração); e carnal (do corpo)». O amor matrimonial é um todo. É do corpo e é da alma. Esse amor, que não é só, como alguns pretendem, atracção sensível e instintiva pelo outro sexo, é necessário ser construído, ser fundamentado, ser desenvolvido e aumentado para que não venha a desaparecer depois do matrimónio. Ora, é essa a função do namoro — criar os alicerces para um amor seguro, consciente e forte quando desapareça com o correr dos anos, ou as dificuldades e problemas do dia a dia. Um casamento só poderá ser feliz se houver amor, e esse amor é construído sòlidamente por um namoro consciente e sério.

O amor é dádiva e sofrimento, é união e é gozo — Estes os aspectos mais notáveis no amor a construir durante o namoro. Amar é dar-se. Aceitemos o outro como ele é sem o idealizar à nossa maneira. A vida matrimonial é um contínuo amoldamento ao modo de ser do outro, amoldamento que se inicia no namoro e se continua depois pela vida adiante. Mais tarde, depois do casamento, já seria tarde e não poderia haver arrependimento possível.

Meditemos pois na função, no papel que o namoro desempenha em relação ao casamento, e meditando nesse papel, encaremo-lo séria e conscientemente.

NOTA DO MÊS

(Continuado da página 6)

que gera, faz crescer, garante a vida.

Numa como noutra ainda, é o amor que cria a unidade.

Portanto a Paróquia é uma Família, uma verdadeira família: a Família dos Filhos de Deus. O segredo da sua vida, da sua prosperidade, da sua unidade é o Amor sobrenatural. Importa, pois, fazer crescer o amor na Paróquia.

Assim, crescerá também a alegria e a prosperidade.

Os Bombeiros de Ansião agradecidos...

(Continuado da 1.ª pág.)

celho. Deveria considerar se pelo recrutamento de homens e sua instrução, uma obra concelhia — não apenas da vila de Ansião.

Não seria possível a colaboração de soldados da paz de outras zonas que não apenas daquela vila?

Deste modo, parece-nos, dar-se-ia maior vitalidade à Corporação e, em certos casos, maior eficiência em trabalhos de salvamento.

Mário Simões Vaz

Mercearias
Ferragens
Miudezas
Louças
Malas

Materiais de construção
Adubos
TINTAS «DYRUP»
Rações TRIUNFO

GAZCIDLA

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Telefone 155 — Pedra do Ouro — CHÃO DE COUCE

Armazéns do Pontão

DE

RICARDO, FERREIRA, SANTOS, MARQUES & C.ª, L.da

MERCEARIAS, VINHOS, SERRAÇÃO DE MADEIRAS

PONTÃO — AVELAR — Telef. 21 (AVELAR)

Serafim Afonso

CONSTRUTOR CIVIL

CONSTRUÇÃO CIVIL E CARPINTARIA MECÂNICA

CHÃO DE COUCE

PARA OS SEUS SEGUROS
PREFIRA

IMPÉRIO

AGENTE:

ANTÓNIO FREIRE DE OLIVEIRA

VILA DO ESPINHAL

Rações

Triunfo

Distribuidor em
CHÃO DE COUCE

Mário Simões Vaz

Pela Imprensa

O Mineiro

Comemorou 25 anos de vida o jornal «O Mineiro», das Minas da Panasqueira, e que é dirigido pelo sr. Padre Manuel Leal Júnior.

É sem dúvida motivo de festa e de júbilo tal comemoração, pois se é difícil fazer um jornal quanto mais mantê-lo com aprumo e óptimo nível durante um quarto de século como sucede com «O Mineiro».

Parabéns pois ao seu Director e querido amigo.

O Trevim

Este é o novo jornal da Lousã que nos dá a honra da sua permuta e que é dirigido pelo sr. Pedro Júlio Malta.

Trata-se dum órgão de imprensa vivo, dinâmico, jovem — «uma voz nova para uma Lousã renovada».

As nossas felicitações.

A NOSSA PEREGRINAÇÃO

Estamos apenas a um mês da Peregrinação Paroquial a Fátima.

Será um domingo — 24 de Março — e nela estará presente em grande número a população da nossa paróquia. Basta que se diga que far-se-á transportar em 14 auto-carros e, ao que julgamos, em mais de 30 automóveis.

Daqui se lança também um apelo aos ausentes, sobretudo aos que vivem na zona de Lisboa, para que estejam ali presentes, pois também eles são parte da família paroquial de Chão de Couce.

O horário inicialmente previsto é o seguinte:

8,30 horas — Saída de Chão de Couce;
10 » — Oração na Capelinha das Aparições;
10,15 » — Procissão para a Basílica;
10,45 » — Santa Missa, na Basílica, Consagração a Nossa Senhora e Procissão de Despedida.
12,30 » — Almoço;
14 » — Visita a Aljustrel, Loca do Cabeço e Calvário Húngaro.
16 » — Regresso.

Uma peregrinação a Fátima não é um passeio: é uma oração, um acto de fé e veneração à Mãe de Deus.

Vamos, pois, preparar-nos devidamente, fazendo da nossa peregrinaço, além de mais, acto de renovação interior, nesta Quaresmo e neste Ano da Fé e Ano Cinquntenário das Aparições.

Novos Cristãos

Tornaram-se cristãos pelo sacramento do Baptismo:

— Luís Miguel Gaspar Henriques, filho de Mário Augusto Henriques e de Maria Clotilde Gaspar, do Pontão;

— Paulo Jorge Pinheiro Moura, filho de Arménio Ilídio Brito de Moura e de Clodomira da Cruz Pinheiro, do Salgueiral;

— Maria Natália de Sousa Moutinho, filha de António João Moutinho e de Natalina de Sousa, do Lameirão.

Faleceu no dia do Baptismo.

— Olinda Maria da Silva Forte, filha de Augusto Teixeira Forte e de Benilde da Conceição Silva, de Barroca;

— Alberto Marques de Brito, filho de Belmiro de Brito e de Adelaide Marques, de Amieira;

— Ana Cristina dos Santos Marques, filha de Fernando Marques e de Dília Norte dos Santos, do Pontão;

— Tereza Maria Freire Lopes, filha de Manuel Simões Lopes e de Lucília da Conceição, da Amieira.

Desejamos-lhes as bênçãos de Deus.

Novos Lares

Contrairam o Sacramento do Matrimónio:

Na igreja paroquial, Fernando Mendes, filho de Ricardo Mendes e de Margarida de Jesus, de Ansião, e Maria Luísa Mendes, filha de Manuel Mendes e de Maria Augusta Mendes, de Cabecinho. Apadrinharam Armando Mateus e José Simões.

— Na capela de São Jorge da Pedra do Ouro, Evaristo Dias, filho de Jesuino Dias e de Maria Rosa Alves, de Grocinas (Cumieira) e Maria Adelaide dos Santos, filha de Adriano dos Santos e de Elvira da Conceição Duarte, de Vila Pouca. Apadrinharam Silvério Mendes Alves e Augusto de Jesus Simões.

Nas Mãos de Deus

Faleceram na nossa paróquia:

Augusto Costa, de 85 anos de idade, do lugar de Venda Nova, casado com Maria de Jesus;

— Manuel Mendes Morgado, de 82 anos de idade, do lugar da Ramalha, casado com Maria da Encarnação Pires.

Os nossos pêsames às famílias enlutadas.

Obras do Adro

Proseguem as obras do calcetamento do Adro da nossa igreja que assim ficará com um aspecto de muito maior beleza e limpeza.

A obra deverá importar em cerca de 50 000$00.

Uma parte foi custeada pelo grande benfeitor da paróquia Senhor Comendador Alberto Mendes Rosa que ali dispendeu cerca de 30 000$00.

O restante será das economias da igreja e de outros benfeitores que voluntàriamente surgirem.

Ùltimamente receberam-se as seguintes importâncias: 800$00 do casal Amaro Fernandes e Clotilde Medeiros, de Moçambique, mais 500$00 do sr. José dos Santos, do Lobito, mais 100$ do sr.ª Maria das Neves (Chão de Couce). Com 25$00 cada José Marques (Ladeira) e José Curado (Valdadinha); com 20$00 Alfredo Mendes (Coimbra), Maria Celeste (Salgueiral), Adelino Rodrigues (Porto), António Mendes da Silva (Fonte); com 10$00 Manuel Simões Vaz (Furadouro).

Quem dá mais ajudas para a calçada?

Notícias Pessoais

Para o Brasil retiraram, após boas e merecidas férias, o sr. Adriano Dias dos Santos e Alcides Dias, esposas e filhos.

— Também para os Estados Unidos da América partiu recentemente, mais uma vez, o sr. Comendador Alberto Mendes Rosa.

— Em Lisboa sofreu um pequeno acidente o sr. Augusto Marques, sem consequências graves, felizmente.

Por motivo de doença foi internada na Clínica de Santa Tereza a sr.ª Ermelinda Lima Gaspar.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

— Estabeleceu residência em Chão de Couce, com sua família, o sr. A. Palhota, empregado de escritório no Avelar. Os nossos cumprimentos.

— De visita à sua terra esteve o sr. Adelino Rodrigues, estabelecido no Porto, e família.

— A passar uma temporada junto de seu filho sr. Armando Pereira Ribeiro, chefe de Finanças na Ribeira Brava (Madeira) e de sua família, partiu para aquela localidade a sr.ª D. Esmeralda Pereira que foi professora distinta na Pedra do Ouro.

CANTINHO dos POETAS

Receberam-se ùltimamente no nosso jornal algumas poesias.

Porque, por absoluta falta de espaço, as não podemos publicar integralmente, damos alguns excertos:

Despedida do soldado

Mãe querida,
Meu Ideal,
Não chore a partida:
Angola é Portugal!

Ao despedir-me digo adeus,
Que já por mim estão a chamar.
Mãe, limpe os olhos seus,
Não a posso ver chorar!

Do barco dizemos adeus
Com os lenços a acenar
Sem jamais esquecer os seus,
Até um dia voltar!

Dionísio M. Martinho

«Voz das Cinco Vilas»

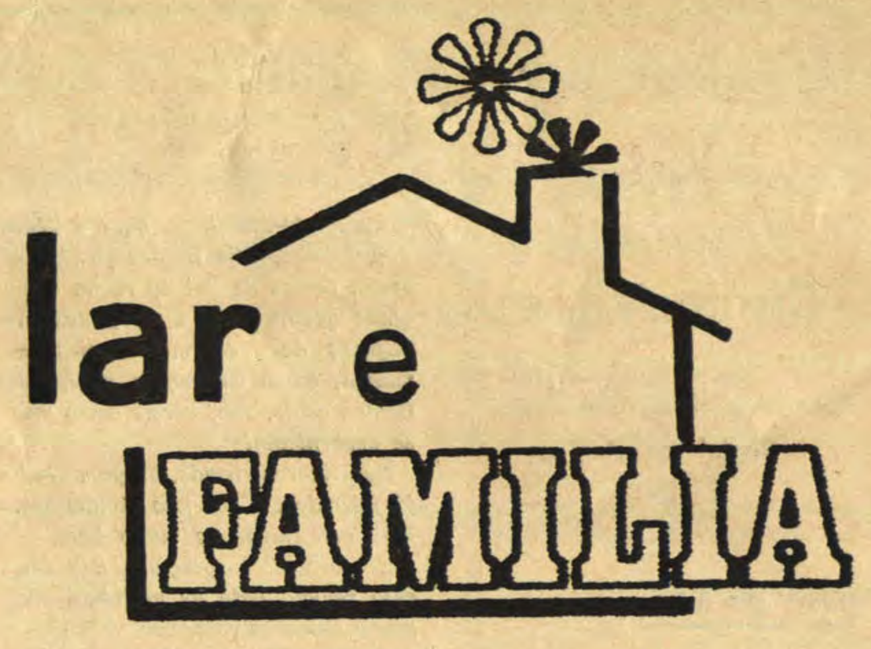
Esta nossa querida «Voz»
É símbolo de amor fraternal:
Em cada um vem aumentar
O amor à terra natal!

Parabéns a ti, ó «Voz»
E a teus colaboradores,
Ao apareceres entre nós
Tornaste-te digna de louvor.

Saudades, ó Cinco Vilas
Cheias de beleza e simpatia
Eu te saúdo, Cinco Vilas:
Digo-te adeus até um dia!

África do Sul, 9-1-68.

Fernando Simões Vaz



PENSAR NO FUTURO, É PREPARÁ-LO

Muitos pais preocupam-se demasiado com o futuro dos filhos, sobretudo das raparigas, e afinal tantas vezes descuidam os problemas presentes que podiam e deviam ser resolvidos no momento oportuno.

Criar, e sobretudo educar uma rapariga ou rapazes, para que o amanhã surja sem problemas de maior, não é tarefa simples, nem banal!

Por isso mesmo nós queremos fazer um apelo, sobretudo às mães de família, em cujo regaço se hão-de formar os futuros orientadores da juventude de amanhã.

As mães terão de ser firmes em todos os momentos, decididas, enérgicas, mas, sem nunca perderem a meiguice e a ternura que tão bem completam a sua missão.

Devemos pois educar as nossas raparigas, tornando-as gentis e dóceis.

Sejamos para elas camaradas mais conscientes e mais avisadas dos perigos que as cercam por todos os lados, para que elas saibam e possam com aprumo e dignidade fugir um dia, às muitas ciladas, que os caprichos do destino lhes lançará no caminho.

Evidentemente que, seria erro, tentar proteger os joves e os adolescentes, mesmo que hajam ultrapassado os 20 anos, com imposições repetidas, ou vigilância excessiva é, por tal, importuna

As raparigas e jovens têm necessidade de viver as alegrias próprias da idade dos sonhos e da beleza. Só terão vantagem em conviver com as gentes da sua idade. É como se a Primavera despontasse em cada pétala de flor que se abre ao sol, plena de vida.

Deixemos pois que os nossos filhos convivam e saibam eleger livremente os seus amigos. Mas, ajudemo-los a fazer a selecção, serenamente, com alegria e entusiasmo, sem deixar no entanto escapar pormenores importantes que, a sua inexperiência pode não abranger.

Para formar um carácter belo, é necessário deixar que se observe, que se estude o semelhante.

Ajudemos pois os nossos jovens a saber separar, o bem do mal.

Avisemo-los com ternura, para que a felicidade futura das nossas raparigas e dos nossos rapazes, não seja uma constante interrogação ou dúvida.

A juventude aceita e compreende o que é razoável escutar a voz do bom senso, mas, sentir-se-á revolta se a tentarmos oprimir cègamente, violentamente!

Ninguém pode, melhor que uma mãe desempenhar semelhante missão.

É necessária muita paciência, muita coragem, e sobretudo é preciso que sejas um modelo a apontar entre as muitas mães que a tua filha vê e conhece.

É bom que dentro do teu lar e a cada momento sejas realmente, a mãe, a esposa, a companheira desejada e então todos viverão a hora presente com alegria sem jamais olhar o futuro com sombras porque tu o soubeste preparar.

TÄISS

†

Agradecimentos

Augusto Mendes Fidalgo e mais família, muito reconhecidos, agradecem por este meio, e na impossibilidade de o fazer por outra forma, a todas as pessoas que acompanharam à última morada seu querido e saudoso filho, marido, pai, irmão e cunhado Rogério Marques Fidalgo.

Neste agradecimento querem envolver também o grande número de pessoas que lhe endereçaram sentidos pêsames.

Cuidados com o bébé

Já deves ter escutado muitas vezes concerteza o apelo gritado nos jornais, na rádio e na televisão, pela D. Geral de Saúde, a fim de que todas as crianças entre os 6 meses e os 10 anos e os jovens com menos de 18, façam a imunização contra a Poliomielite.

Chamamos pois, a atenção dos pais e mães, para a responsabilidade que lhes cabe em responderem presente à chamada.

A vacinação é gratuita, não dá reacção e defenderá os vossos filhos do terrível flagelo que é a paralesia infantil. É, pois, um dever responder à chamada.

Voz das Cinco Vilas

Pelo Progresso Espiritual e Social da Região

NOTA DO MÊS

Paróquia-Família de Deus

É grande o empenho da Igreja na unidade de todos os seus membros.

Pertencemos à verdadeira Igreja. Que exemplo daríamos se nos odiássemos, nós os membros da mesma família paroquial ou até nos ingorássemos, por sermos de lugares diferentes ou de profissão diversa ou por outro motivo qualquer?

Que nos sirva a todos de reflexão as seguintes palavras de Paolo Arnaboldi:

«É esta a realidade, muito embora seja conhecida de poucos: A Paróquia é uma verdadeira famlia. Mais: é aquela família que se chama: «A FAMÍLIA DE DEUS».

E isto não em sentido figurado, mas em sentido próprio e real.

—★—

A nossa família nasceu «toda» do amor. Cada vida, que aí despertou, surgiu de um acto de amor.

O amor foi, e será sempre, para a família o verdadeiro pão da vida. E é naturalíssimo que as vidas nascidas do amor, de amor se nutram.

A grande lei do amor é assim a misteriosa força que desencadeia a vida, que a faz crescer, que a conserva. Mas há mais.

A lei do amor faz com que as vidas individuais do Pai, da Mãe e de cada um dos filhos, permanecendo distintas entre si, formem no entanto uma só «família» uma entidade nova portanto, com vida unitária resultante da fusão da vida e todos os da família; e assim é «comum» a alegria, «comum» a dor, «comum» a fadiga, única «comum» a prosperidade e o sucesso.

«A verdadeira família tem precisamente isto de admirável: a unidade. Unidade que é simultâneamente manifestação e fonte do amor».

—★—

A Paróquia é a Famlia dos Filhos de Deus.

Assim como a vida da carne brota do amor natural na família, assim a Providência dispôs que a vida divina em nós brote do amor sobrenatural da Família de Deus, que é a Paróquia.

Quer para a família da carne, quer para a Família de Deus o grande segredo da vida é o amor: ali humano, aqui divino.

Numa como noutra, é o amor

(Continua na página 4)

FEVEREIRO DE 1968

CRÓNICA DA ALDEIA

Por ABEL HERMÍNIO

O LOBISOMEM

Apresento-vos hoje aqui o Zeca e o Toneca, dois irmãos firmes e tesos, destes de vai ou racha e de antes quebrar que torcer, mas incapazes de fazer mal a coisa nenhuma, salvo aspirações malígnas. Contra estas, sim, vereis como eles se encarniçam!

Não tiveram irmãs, os pais eram já falecidos, e por isso viviam sós. Mas arranjavam-se muito bem.

E o comer? — pergunta dali um, cujo relógio bate as horinhas certas, a todas as refeições.

O comer fazia-o cada um por sua vez. E era simples: umas batatas cozidas com casca, uns feijões refogados com cebola, umas sardinhas, um bacalhau, carnes porcinhas, pão com queijo ou azeitonas, faziam o gasto. O resto eram franjas, que não usavam.

Mas eu não vim aqui para vos mostrar os dois irmãos a comer, senão para os verdes em acção. Vamos a isso.

Certa noite, já tarde, voltavam eles do lagar, em companhia duns serviçais, depois da pisa das uvas. Traziam a cabeça cheia de fantasmas, assombramentos, coisas más, que aparecem a desoras. Tinham falado muito nisto, lá no lagar, à fervura do mosto, até descambarem no Chico da Maunça, que todas as noites, das doze para as duas, se transformava em lobisomem e corria sete adros, até que voltasse à sua própria natureza. Por sinal, que até ali, nas pedras do adro, onde agora estavam mesmo a desembocar, se podiam ver as ferraduras marcadas! Mas, para se quebrar o encanto, era preciso ferir a bestiaga até deitar sangue. Só então é que o fadário acabava e o infeliz voltava ao seu natural.

Ora na maré, precisamente, em que eles rompiam no largo, eis que bate o sino da torre meia noite. E, mal soara a última badalada, que vêem eles? O lobisomem!

Era o monstro, em carne e osso: um vulto estranho, a curvetear, a escoucejar, que, assim no escuro, não se via bem, mas era certamente, isso é que não sofria dúvidas, metade homem e metade cavalo. Portanto o Chico da Maunça, sem tirar nem pôr, a cumprir o seu fadário.

Os auxiliares, transidos de susto, escapuliram-se logo, cada qual para seu lado. O Zeca e o Toneca, não; esses eram tesos, e queriam ver no que aquilo daria. Afora isso, guiava-os a ideia de quebrar o encanto ao Maunça, de quem eram amigos.

Foi, pois, com este ânimo e estas boas intenções, que arremeteram contra o monstro, armados das navalhas de ponta e mola, que sempre traziam consigo, para esfatiar o pão e o queijo, e tudo o mais que fosse preciso.

Num arranque digno de Homero, avançaram os dois a par, e o Zeca, mais afoito, vibrou o primeiro golpe. Ressentiu-se o vulto, que ripostou, atirando uma parelha de couces.

— Vês, como é ele? — advertiu o Zeca. À uma!

E começou a refrega. Todos os três rabiavam frenéticos. A bestiola, ou o que quer que fosse, escoureava e espinoteava desesperadamente. Eles, os dois, os olhos turvos e esquentados os cérebros, pela temeridade e pelo mosto, bradiam ferozmente as navalhas, num sarilho alucinante. Um delírio!

— Atira-lhe tu daí, António, enquanto a alimária escouceia deste lado, que eu faço o mesmo, quando me tocar a vez. E quando vires sangue, pára.

A besta, ou o que aquilo fosse, reguingava, escouceava, orneava. E eles, os dois valentes, ora arremetiam ora recuavam, numa sanha indefectível, encarniçada, gloriosa.

Por fim, a um golpe mais certeiro e penetrante, a aventesma caiu redonda, escabujando, jorrando sangue.

Triunfantes e senhores do campo, esperaram os dois heróis que dali surgisse o Maunça, já são e salvo, mas ele não se avivava. E começaram então a desconfiar.

Neste comenos, a tia Rosária, acordada pelo reboliço, tinha já assomado à janela, a saber o que havia; e pediram-lhe lume, que não tardou em chegar.

À luz da candeia, miraram então, miraram e remiraram, e aqui é que foi o pasmo! Em vez de tirarem o encanto ao Maunça, tinham-lhe mas é matado a burra!

Ao saber, manhã cedinho, do morticínio que o desgraçara, o homem levou-se da breca e deu por paus e por pedras. A burra era toda a sua ajuda, e era um tesoiro de burra. E quem havia agora de poupar-lhe as pernas a ele, fazer-lhe os serviços, transportar-lhe as cargas?

O Zeca bem o procurou apaziguar, pedindo-lhe que não se apoquentasse, que lhe pagaria a burra dobrada; mas ainda o pôs mais fulo, quando entreabrindo-lhe a cândida alma, lhe mentou a benévola intenção que os movera, a ele mais ao irmão:

— De noite, já sabes, todos os gatos são pardos, e quem quer se engana, ainda o mais pintado! Perdoa lá, que eu pago tudo, mesmo duas ou três burras! Ora que azar! Se déssemos em quem eu cá sei... como era nosso desejo... é que tínhamos acertado!

RUMO AO LAR

Junto se publica uma foto dos simpáticos jovens D. Isabel Maria Pinto Fernandes Medeiros, de Avelar, e Dr. Eurico Alberto Cristino Teixeira Dias, de Paião, que, conforme o nosso jornal noticiou no seu número de Dezembro, realizaram o seu enlace matrimonial na Igreja da Rainha Santa Isabel, de Coimbra.

Renovamo-lhes as nossas felicitações com votos dum risonho futuro.

«EU CREIO»

(Continuado da 1.ª pág.)

ta o mistério da salvação, que é Cristo.

«Eu creio» — acto conciente de uma vida, e não de uma simples teoria.

«Eu creio» — atitude franca que na vida, só ou com os outros, não quer mentir, nem contemporizar com a mentira.

«Eu creio» — fim da distinção entre o Evangelho escrito e o Evangelho vivido.

Mas para professar a fé, é necessário a Graça, que abre os olhos a toda a suavidade no aceitar e crer a verdade.

Assim como o outro tem o contraste pelo qual se conhece a sua autenticidade, assim a fé tem o contraste, garantia da sua autenticidade. «É o amor» — que une o homem a Deus, e os homens entre si.

Tem-se falado muito da projecção social da fé. É possível que nem todos entendam o alcance destas palavras.

Afinal não se pede senão isto: — vive de tal modo a tua fé, que a tua vida seja verdadeira.

Deus é verdade e é amor.

A verdade floresce e frutifica no amor, vivendo imponderável, mas forte, de união divina e humana.

A vitalidade do povo cristão depende da adesão firme, convencida e operante ao tesouro da salvação, à doutrina.

Por isso o apóstolo Tiago dizia: «De que aproveitará, irmão, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso essa fé poderá salvá-lo?» E depois continua: «Se um irmão ou irmã estiverem nus, e um de vós lhe disser: — ide em paz, e precisarem de alimento, e um aqueceivos e saciai-vos, sem lhe dar o que é necessário ao corpo, de que lhe aproveitará? Assim a fé sem obras é morta em si mesma». É morta e desacreditada, pois não aparece o que se acredita, e não dá resposta às ansiedades do mundo actual.

O desejo das gentes do nosso tempo, particularmente dos novos, de conhecer a razão das coisas, e de entrar no âmago das questões, de querer ir até ao fundo e ao fim, corresponde a uma nota característica dos tempos actuais — a autenticidade.

Para a fome de luz e de certeza, só o pão duma fé viva e sincera, humilde e amorosa.

Por isso Alguém afirmou: — «o mundo tem necessidade de fé».

É ela que dá um novo e mais humano sentido à vida, tornando-a digna de ser vivida. É ela que possibilita a superação de tristeza, restituindo o optimismo e a alegria de viver.

Com razão Correia de Oliveira escrevia:

«E tudo se alumiou
Da terra ao paraíso
É luz de Cristo, o *sorriso*
Da mãe que muito chorou».

DESPORTOS

FOZ DE AROUCE, 3
CHÃO DE COUCE, 5

No passado dia 11 fez mais uma jornada o Lusitano Ginásio de Chão de Couce. Desta vez foi a Foz de Arouce (Lousã).

Os jogadores e dezenas de amigos fizeram-se transportar num auto-carro e em 6 automóveis.

A equipa de Chão de Couce alinhou com Armando, Rogério, Sezinando, Zeca e Acácio da Cruz; Craveiro I e Luís Marques; Acácio Paulino, Craveiro II, José Mário e José António. Como suplentes Luís e António.

Dada a pequenês do campo o encontro foi fértil em golos.

A 1.ª parte terminou com 3-2 favorável ao Chão de Couce, verificando-se no final, o resultado de 5-3, a favor da mesma equipa. Marcaram por Chão de Couce Sezinando, Acácio Paulino, Luís Marques e José Mário (2).

Como nota curiosa apresenta-se o facto de pela equipa de Foz de Arouce alinhar, como jogador, o próprio pároco da terra.

No aspecto de correcção e desportivismo foi um encontro modelar que, se recorda com agrado.

No final os jogadores foram obsequiados com um beberete em que o Presidente do Lusitano, o Pároco de Foz de Arouce e o sr. João Vicente Palhota (agora radicado em Chão de Couce) usaram da palavra.

Os dirigentes do Lusitano de Chão de Couce e treinador foram ainda gentilmente recebidos pelo sr. Conde de Foz de Arouce.

O próximo encontro, em Chão de Couce, ficou marcado para o dia 28 de Fevereiro.

R.

NESTE NÚMERO:

- **Rumo ao Matrimónio** — por Dr. A. Freire.
- **A propósito de... Namoro** — por Carlos Manuel Menezes Falcão
- **Eu Creio**—por P. Manuel Gaspar Furtado
- **Quem Sou Eu?** — por Acílio Dias Mendes
- **Indústria de Lanifícios — Crise que se arrasta.**
- **O Mundo Em Poucas Linhas** — por A. M. N.
- **Crónica da Aldeia** — por Abel Herminio.
- **Namoros da Moda** — por A. Nobre.
- **Nota do Mês — Arco Iris — Noticiário — Lar e Família — Desportos, etc..**